

A “QUEDA DA ALMA” NA CONCEPÇÃO POPULAR DE MACAU

ANA MARIA AMARO

A mortalidade infantil foi, desde sempre, um dos factores principais da auto-regulação populacional no Império do Meio. Daí, a explicação, quanto a nós, de que as mais variadas concepções que invadem o domínio do sobrenatural relativamente às doenças das crianças, tenham perdurado entre o povo, encontrando-se ainda, de certo modo, bastante vivas entre os chineses de Macau e também entre muitos euro-asiáticos de ascendência chinesa, mais ou menos próxima.

Um dos acidentes mais vulgares e também dos mais temidos relativamente às crianças é o *susto* provocado por queda, ou por intervenção de pessoa, coisa ou animal estranho ao seu mundo, ou que, inopinadamente, surja no seu caminho.

Em consequência do *susto* a criança perde o apetite, chora sem se perceber porquê, apresenta sintomas de crescente agitação, dá gritos inesperados e sem causa aparente, padece de insónias e, por fim, sobrevêm-lhe vômitos e diarreia, o pulso enfraquece e torna-se mais rápido, acabando por morrer.

Este *mal de susto* resulta da *queda da alma*, ideia que se mantém ainda viva entre muitos chineses e também, curiosamente, entre os povos ameríndios. ⁽¹⁾.

(1) Entre os Kallawaya da Bolívia esta concepção e até o nome da doença são exactamente iguais aos dos chineses. (J. Vellard – Une ethnie de guérisseurs Andins, les Kallawaya de Bolivia, in “Terra Ameriga” Rev. A.A.I.S.A. n.º 41, Génova, Dicembre, 1989, p. 28).

Certos locais onde se julga que residem *maus espíritos*, porque ali se ouvem gritos ou gemidos, tais como fontes, águas correntes, poços, etc. são, naturalmente, muito temidos, tanto pelos ameríndios como pelos chineses e também pelos macaenses. Podem causar *mal de ar* ou provocar a *queda da alma*.

O diagnóstico de mal de susto, em consequência da origem sobrenatural que se lhe atribui é, por isso mesmo, precedido sempre por adivinhação.

Depois de feito o diagnóstico, o tratamento consiste em *chamar* ou reencontrar a *alma que caiu e ou se perdeu*, ou em obter a sua libertação no caso de *ter ficado prisioneira*.

É espantosa a coincidência da sintomatologia dos ameríndios com a que registamos em Macau e também da terapêutica empregada. A diferença consiste, apenas, em não termos encontrado em Macau uma sequência tão completa na descrição da doença, conhecida, em “patois” local, *por mal de susto* ou *subissalto*.

Tanto entre os chineses, como entre os povos andinos, era comum a cerimónia do *chamamento da alma* para o tratamento de doenças desta índole.

O *chamamento da alma* em Macau assume dois aspectos: utilização duma peça de vestuário do paciente, que se agita, à medida que

(2) No Norte da China, é esta cerimónia do chamamento da alma aquela que era vulgarmente praticada, não sendo comum, de acordo com os nossos informadores, qualquer prática de defumação para este fim.

A mãe, ou mais frequentemente a avó colocava uma peça de roupa da criança na ponta de uma haste de madeira e com ela na mão dirigia-se ao local onde a criança caíra, ou vira algo que a assustara, no caso de o conhecerem. Aí, agitando a roupa, gritava, chamando a criança pelo seu nome e dirigindo-se para casa, ao mesmo tempo que pedia à *alma da criança* que a seguisse, voltando com ela. No caso de não saberem o local exacto colocava-se a roupa sempre na ponta da haste de madeira, à porta de casa ou na *encruzilhada* da aldeia, gritando-se em altos brados, chamando-se a *alma da criança* e ordenando-lhe que seguisse a mãe (ou a avó) para casa.

Os camponeses mais incrédulos, quando a criança continuava a chorar sem que conseguissem aquietá-la, admitiam que não se tratava de *queda da alma* mas de um *demónio* (um kwâi 鬼) ou de um *mau ar* ou mau espírito (Ché h'ei 邪氣) que lhe entrara no corpo. Nesse caso, escreviam num papel amarelo os seguintes dizeres:

“O céu e a terra são imensos. A minha casa tem um *mau espírito* que chora toda a noite. Todos os que passarem por aqui leiam este papel por três vezes e assim a nossa criança cessará de chorar”.

Admitiam os camponeses que, denunciando à população da aldeia que havia ali um demónio ou mau espírito, este, uma vez descoberto, fugiria. Este papel era colocado numa parede ou numa árvore, próximo da casa da criança afectada.

se vai chamando pelo seu nome ⁽¹⁾ e o *balouçar-do-porquinho*, defumação destinada ao tratamento de *sustos infantis*.

Relativamente aos adultos, usa-se, na Bolívia, o *banho de flores* que foi substituído, em Macau, pelo banho com água da decocção de *sete folhas*. ⁽³⁾

Os *banhos de cheiro* e as *mezinhas de sete folhas* são, porém, mais usados em Macau, contra *savan*, *mau olhado* e *vento sujo*, doenças também de carácter mágico.

Contra *mal de susto*, a terapêutica mais popular usada pelos portugueses de Macau tanto para crianças como para adultos é, sem dúvida, a ingestão de pó de *pedra cordial* ou de Gaspar António, ⁽⁴⁾ preparação que se raspava com uma colher de prata e se tomava com um pouco de Água. Além desta, eram vulgares algumas *mezinhas de beber*, constituídas por ervas cozidas com coração de porco, usado,

As senhoras macaenses, idosas, que conhecemos nos anos 70, acreditavam que o susto infantil poderia provocar doenças cardíacas no futuro e daí, darem a “chupar” às crianças *pedra cordial* ou deixarem que *à mãs*, ou parentes chinesas mais ou menos próximas, *balouçassem o porquinho* quando uma criança de pouca idade ficava *morum* ou *tinhasa* (chorona, birrenta e sem apetite), embora sem febre, ou com *febrinha* (febre ligeira) sem causa aparente. Admitia-se que tal estado resultava de susto provocado por animal ou pessoa, ou por outro agente, que a *pedra-ume* queimada no brazeiro viria a indicar.

O *balouçar do porquinho* é considerado, em Macau, uma prática chinesa. Contudo, nem todos os informadores a interpretam da mesma maneira. Por vezes é interpretada como *chamuscar o porquinho* devido à homofonia das palavras *tám* (沓) (balouçar) e *t’ám* (焗) (chamuscar) ⁽⁵⁾, tendo a reza ou cantilena que a acompanha diversas variantes. Este facto sugere-nos, pois, uma antiga prática introduzida de algures e

(3) A água ou *chá de 7 folhas* consiste na decocção de folhas de salgueiro; *Aster garlachii* Hance (às vezes substituída por folhas de pessegueiro); louro; *Gynura segetum* (Lour.) Merr.; *Eupatorium chinense* L.; arruda e mangericão, às vezes substituído por folha de hortelã – *hortelã-sopa*, no falar da terra.

(4) Preparação à base de elementos minerais, cuja receita seiscentista constituía segredo dos Padres da Companhia de Jesus de Goa.

(5) É também possível que *t’ám* corresponda a aquietar (瀝) o que está plenamente de acordo com o objectivo desta prática.

adoptada pela população chinesa de Macau. Aliás, *balouçar o porquinho* consiste numa defumação da criança que se julga sofrer de *mal de susto*, prática que era e é ainda corrente em Portugal, quando se trata de afastar qualquer malefício por *artes de magia*.

Em Portugal, por exemplo, em certas aldeias beiroas, defumavam-se as crianças balançando-as em cruz sobre ervas aromáticas, que se faziam arder sobre brasas acesas e usava-se também, a defumação no tratamento de animais, passando um caco com brasas ardentes por debaixo deles, três, cinco, sete ou nove vezes, em cruz ⁽⁶⁾. Às brasas juntava-se *erva do ar* (não identificada) ⁽⁷⁾.

O nome de *erva do ar* parece apontar para uma terapêutica contra *mal de ar*. E é muito curiosa a coincidência entre esta prática e a concepção que ainda vive entre os macaenses e que supomos de origem portuguesa. A defumação era muito usada em Portugal ainda no sé. XVIII contra certas indisposições, geralmente contra dores de origem mal determinada ⁽⁸⁾. É possível que se supusesse que estas *dores* fossem devidas a *ar*, tal como em Macau se admitia.

Uma adaptação macaense simplificada da prática de *balouçar o porquinho* consiste em juntar *n'gai héong* (艾香) *grãos de incenso macho* (grãos de incenso que lembram grãos de areia) com *grãos de alfazema* (flores secas de alfazema) ⁽⁹⁾, e deitá-los sobre carvão em brasa, entoando a seguinte cantilena:

- (𪛗 猪 仔) Tám chü chái (Balouça-se o porquinho) ⁽¹⁰⁾
 (𪛗 牛 仔) Tám ngau chai (balouça-se o boizinho)
 (𪛗 猪) Tám chü (Balouça-se o porco)
 (𪛗 羊) Tám iéong (balouça-se o carneiro)
 (𪛗 大 肚 娘) Tám tei tou néong (balouça-se o ventre da mulher) ⁽¹¹⁾
 (猪 驚) Chü kéang (o porco tem medo)

(6) É de notar o número ímpar indicado.

(7) Leite de Vasconcelos. *Etnografia Portuguesa*, Vol. VII, 1980, pág. 41.

(8) Uma receita registada num manuscrito dos Arq. da B.P. e A.D. de Évora consiste em queimar o pau de azinho sobre brasas tomando-se o fumo pelos narizes e se defumaráo no necessário fumo humas estopas juntas que se porão na parte da dor apertando-as com um lenço.

(9) O uso de alfazema faz-nos, de facto, lembrar a influência directa das defumações portuguesas.

(10) *Tám*, usado oralmente, tanto pode ser *tám* (𪛗) balouçar, como *t'ám* (𪛗) chamoscar, como atrás já se disse.

(11) Alusão à *má influência* que se admite ter uma mulher grávida, à qual se atribui *séong hón* (雙目) ou *séong ngan* (雙眼) *duplo olhar*, o que faz lembrar o universal *mal de olhado* ou *quebranto*.

(狗 驚) Kau kéang ((o cão tem medo) ⁽¹²⁾

..... (segue-se uma série de nomes de animais)

(F... 惊) (Nome: F.... m'kéang!) O menino F.... não tem medo!

Bate-se uma uma palmada no chão junto ao fogo, bate-se 2 a 3 vezes no peito da criança, puxa-se-lhe duas vezes pelo nariz e duas vezes pela orelha. Passa-se a mão sobre o fogo e depois sobre o rosto da criança.

Outra variante macaense consiste em juntar ao alúmen (pak fán – 白粉), ngai héong (艾香) incenso, po lôk pei (菠綠皮) ⁽¹³⁾ cascas secas de toranja cortadas em estrela (em 4/4) e/ou tai chiu pei (大蕉皮) casca seca de figo vilão (banana) e entoar uma das seguintes cantilenas:

(𪛗猪仔) Tam chü chai (balouça-se o porquinho)

(𪛗狗仔) Tam kau chai (balouça-se o cãozinho)

(𪛗牛仔) Tam ngau chai (balouça-se o boizinho)

(𪛗大) Tam tai (a criança tornar-se-á adulta) crescerá

(听阿媽駛) Téang à má sai (e ouvirá os conselhos de sua mãe)

(猪惊) Chü Kéang (o porquinho tem medo)

(狗惊) Kau Kéang (o cãozinho tem medo)

(牛惊) Ngau Kéang (o boizinho tem medo)

(人仔唔驚) Ian chái m'kéang (a criança não tem medo)

(阿媽叫佢返嚟) A'má kiu kôî fan lôî (a mãe chama-o e ele regressa) ⁽¹⁴⁾

Esta operação deve realizar-se durante três dias seguidos. Quando o alúmen, no fim deste período, toma a forma do ser ou coisa que provocou o susto e portanto a indisposição da criança, parte-se um pequeno pedaço, moe-se e esfrega-se com este pó, em forma de cruz, o peito do doente. O restante deita-se fora. Supunham as antigas senhoras de Macau que, se a criança sofresse de *mal de susto*, a pedra-ume aderiria às brasas, o que não sucederia, no caso contrário. Se o susto tivesse sido

(12) Aqui deve tratar-se de corruptela de otiva e ser ngau (牛) boi e não kau (cão).

(13) O nome original é lôk yâu pei (皮綠柚). Pó lôk pei (菠綠皮) é o nome popular.

(14) O hibridismo desta prática é muito interessante, porquanto a frase final evoca o chamamento da alma, de antiga tradição chinesa.

provocado por uma pessoa, a pedra-ume aderiria simplesmente às brasas, mas não tomaria qualquer forma especial; se o susto tivesse sido provocado por um animal ou coisa, a forma do causador do mal ficaria representada na pedra, por acção do calor.

Entre a população chinesa de Macau, era também considerada muito eficaz contra o mal do susto, colocar debaixo do travesseiro da criança (ou do adulto) um parão de lenha (ch'ai tou) (柴頭) embrulhado numa cabaia previamente defumada sobre papéis de culto (*papéis ouro-prata*) e pivetes a arder, entoando-se enquanto se defumava a cabaia da pessoa que sofreu o *mal de susto*, a seguinte cantilena:

- F.... (nome da criança ou da pessoa em questão),
 (快點返口黎) fai ti fan lòi (volta depressa)
 (唔須驚) M'sai kéang (não tenhas medo)
 (豬唔驚) Chü m'kéang (não receies o porco)
 (牛唔驚) N'gau m'kéang (não receies o boi)
 (狗唔驚) Kau m'kéang (não receies o cão)
 (貓唔驚) Mau m'kéang (não receies o gato)
 (摩羅仔唔驚) Mo lo chai m'kéang (não receies o mouro)
 (黑鬼唔驚) Hak kwai m'kéang (não receies o negro)
 (乖乖地) Hak kwái tai (aquieta-te, toma-te dócil)
 (聽亞爸亞媽驚) Téang á Pá, á Má, wá (ouve o que diz o teu pai e a tua mãe)
 (十二個精神) Sap i có cheng san (os 12 bem-estar)
 (翻夥) Lo fan (traz contigo) ⁽¹⁵⁾.

Os papéis votivos devem ser queimados no próprio local onde a pessoa sofreu o susto, principalmente, no caso de queda ou de atropelamento. É por isso que esta cerimónia pode realizar-se em plena rua. Depois de finda a cantilena embrulha-se o parão na cabaia ou peça de roupa que acabou de ser defumada e entrega-se à mãe (no caso de ser uma criança) a qual deve colocá-la sob o travesseiro da cama, onde o doente repousa. É de notar que nestas defumações a operadora nunca

(15) "Regressa (trazendo contigo)" os 12 bem-estar, isto é, *completamente bem* de saúde e de boa disposição. Aparece-nos, aqui, uma nova fórmula do *chamamento da alma*.

(16) É de assinalar que, no Norte da China é a mãe ou a avó quem, geralmente se encarrega do *chamamento da alma*, cuja queda se verificou num determinado local.

deverá ser a mãe da criança que sofreu o susto ⁽¹⁶⁾.

Quando se defuma uma criança a pessoa que realizou a cerimónia, ao entregá-la à mãe ou ao pai, deve dizer: Kwai Kwai tei fan m'sai kéang (乖 乖 地 唔 須 驚) (sossega, não tenhas medo), Iat kau fan tau tin kong (瞓 覺 到天 亮) (dorme um sono descansado até de manhã):

Nunca recolhemos esta versão entre os *filhos-da-terra* de ascendência portuguesa, mas, apenas, entre alguns e muito poucos de ascendência chienesa próxima.

De notar, nesta cantilena, é a referência aos mouros (antigos guardas da polícia de Macau) e aos *negros* muito temidos, noutros tempos ⁽¹⁷⁾, terror que perdurou, aliás, entre muitos chineses e antigos portugueses de Macau.

Aliás, qualquer que seja a variante da cantilena, esta cerimónia é um mero “chamamento da alma” de cunho puramente chinês, embora a defumação seja de carácter popular nitidamente português.

Outra variante que nos foi transmitida não em chinês mas em tradução portuguesa, para além das frases introdutórias, é a seguinte:

“T'âm Chü Châi T'âm Chü Châi

“Chamusquemos o *leitão*, a fim de tirar o susto, que lhe foi causado numa rua ou travessa, por voz alta ou baixinha; qualquer fenómeno natural; areia ou pedra volante; gongo ou tambor; panchões; cobra, rato ou gato; aranha ou barata; coisa do mundo invisível ou visível; *sâi ngán* (mulher grávida, ou mulher ou homem que usa óculos, ou insecto de 4 olhos) que chegou a voar ou apareceu às duas por três; *sâi ngán* ⁽¹⁸⁾ que está longe ou perto; *sâi ngán* conhecido ou desconhecido; *sâi ngán* que está de luto; velho ou novo; maior ou menor e, conseqüentemente, para que ele tenha apetite formidável, pense sempre em comer e beber, pense em comer durante o dia e em dormir quando anoitecer.

Ponhamos aqui a toranja, pedra-ume e casca de banana, que servem para lhe tirar o susto. Depois de chamuscado o “leitão” ficará sempre bem de saúde, crescerá rapidamente e trará boa sorte aos pais.

Chamusquemos-lhe o períneo, para que se torne avó;

(17) Noutros tempos, as crianças macaenses eram ameaçadas com o *moço fuzido* (escravo *cafre* fugido) à maneira do *papão* das crianças europeias.

(18) *Sâi ngan* (4 olhos) equivale ao *duplo olhar* (*séong ngan* ou *séong hón* atrás referido).

(19) Versão do Sr. Luís Gonzaga Gomes, sinólogo e historiador macaense.

chamusquemos-lhe o anus, para que se torne avô”⁽¹⁹⁾.

Nesta variante há a particularidade de se empregar o termo *sâi ngan* (四 眼) (quatro olhos) ou *séong ngan* (雙 眼) – duplo olhar, concepção muito próxima da do *quebranto* português, que tem aliás, em Macau, diversos significados.

É curioso notar, porém, que os processos da Inquisição Portuguesa registaram uma prática que lembra a fusão de alúmen, mas que se realizava com *chumbo* e servia para benzer os endemoninhados. Os estalos que dava o chumbo, ao derreter, davam a conhecer a *rebeldia do espírito que atormentava* a criança ou o possesso, o que nos leva, de facto, a interrogarmo-nos quanto à origem mágica de tal prática de Macau.

Para defumar ou balouçar o porquinho usava-se um fogareiro de barro em estilo chinês com brasas acesas⁽²⁰⁾.

Porém, para defumação das casas, as senhoras macaenses possuíam, dantes, uma cassoleta ou defumador geralmente em liga de cobre, com tampa trabalhada e perfurada, dentro do qual se colocavam os *aromas* e debaixo dele cinzas quentes, que os faziam evoluar-se, perfumando-se, assim, os quartos, a roupa, etc..

Perfumar consistia, pois, nos tempos antigos, em queimar substâncias aromáticas tais como incenso, *pastilhas*⁽²¹⁾, *pevides*, *alfazema*, folhas e gábulas de eucalipto, etc., que comunicavam a sua fragância ao ambiente. Contra o mofo e como defensivo contra *males de susto*, *savan* e *vento sujo*, não havia casa portuguesa em Macau, noutros tempos, onde se não queimasse pelo menos *bisbim*, incenso e/ou *alfazema*⁽²²⁾.

Aliás, a tradição popular do uso da defumação contra certas doenças, principalmente contra cefaleias, foi, no Ocidente, uma velha prática da medicina erudita que o povo conservou. Já Plínio aconselhava as defumações, afirmando que o *perfume da erva doce alivia as dores de cabeça*.

Contra a própria peste, durante a Idade Média e já muito posteriormente em plena Renascença, eram indicados *perfumes* e

(20) É de notar que o uso de fogareiros de barro para defumação é muito semelhante ao das aldeias portuguesas, nomeadamente na região saloia.

(21) Pastilha aromática à base de *bisbim* (benjoim).

(22) Parece-nos nítida a crença de influência chinesa no *mau ar* que impregna os velhos casarões pouco soalheiros, com cheiro a mofo e que pode causar, por isso, as mais variadas doenças ou incómodos aos seus moradores.

defumações como profilaxia. Contra traças e outros insectos as defumações não só em Macau, como noutros pontos da Terra, são, também, ainda hoje consideradas muito úteis, constituindo nítidos vestígios de antigos rituais de purificação.

Em caso de mal de susto, tratando-se de uma criança de colo era também costume em Macau colocar-se-lhe sobre o peito uma almofada *para o coração não saltar* e assim não vir a padecer, no futuro de doenças cardíacas.

É ainda frequente entre a população chinesa no caso de queda, bater-se no chão, no local onde a criança tiver caído, para castigar o *espírito* que poderia tê-la assustado penetrando no seu corpo ⁽²³⁾. Os portugueses de Macau, tal como os portugueses europeus, costumam fazer o mesmo, mas com objectivo diferente: apenas para sossegar a criança, mostrando-lhe que o *local* que a magoara, fora, prontamente, castigado. É natural que ambas as práticas tenham uma origem comum. Aliás, esta segunda é muito frequente entre nós em Portugal.

São várias as *mezinhas* usadas em Macau para defumação quer de crianças durante a cerimónia de *balouçar o porquinho* quer contra mau ar, mofo, traças, moscas e outros insectos.

Seguem-se algumas das receitas mais populares usadas com carácter mágico contra sustos ou indisposições de crianças.

– *Mezinha para defumação contra susto* (receita de tradição oral)

É frequente verem-se, em Macau, cascas de banana (*figo vilão*), cortadas em quatro quartos, a secar sobre peneiras de bambu, ou suspensas nas portas, tal como as cascas de tangerina ou de toranja. São destinadas a ser queimadas com alúmen, em lugar das cascas de toranja, nas populares defumações de *balouçar o porquinho* para *tirar susto* às crianças.

– *Defumação ou fomentação para crianças* (receita de tradição oral)

Mistura-se *azeite verde* (óleo de amendoim) com eucalipto num tacho de barro ou numa cassoleta própria para incenso. Coloca-se sobre cinzas quentes e deixa-se evoluar o aroma.

(23) Há aqui uma confusão nítida entre a *queda da alma* e o *mal-de-ar*.

– *Defumação com alfazema* (receita de tradição oral)

Em vez de se usar o azeite verde e as folhas de eucalipto, pode usar-se, apenas, alfazema, que era adquirida nas *boticas* portuguesas.

A alfazema é a *Lavandula spica* L., originária da Pérsia e do Sul da Europa. Usa-se em fumadoiros de norte a sul de Portugal, em benzeduras e em sortilégios contra malefícios.

Em várias aldeias de Portugal é, ainda, costume defumar-se as crianças sobre a lareira, onde se deitam ramos de alecrim ⁽²⁴⁾ sobre as cinzas quentes, balouçando-as em cruz. A correspondência é perfeita.

– *Chá de pelo-pé* (receita de tradição oral)

Esta palavra aparece, por vezes, nos velhos cadernos de receitas de culinária e de mezinhas das senhoras de Macau, sem significado expresso. Ouvimos, às senhoras macaenses, chamar *polopé* e *polopei* à casca de toranja, por deturpação de *pó lôk pei* (菠綠皮), nome chinês da casca de jamboa ⁽²⁵⁾. O *chá de polopé*, tal como o chá de casca de toranja, são usados contra sustos, o que nos leva a crer que *polopé* ⁽²⁶⁾ é, realmente, casca de toranja.

– *Mezinha suzo-barata*

Suzo-barata é o nome de Macau dado às pequenas bolas pretas que se vendem nas farmácias chinesas, geralmente envolvidas por hastilhas finas de bambu e que não são nem mais nem menos do que excrementos esféricos de escaravelhos.

Segundo informadores chineses, na China do Norte é costume

(24) O alecrim é, de uma maneira geral, uma planta de carácter sobrenatural que não só é usada para defumação, mas também no Domingo de Ramos, como espécie principal do ramo bento que, depois, queimado é considerado um bom protector por ocasião das trovoadas.

(25) *Jamboa* é o nome dado em *patois* de Macau à toranja (*Citrus grandis* Osbeck.), cujo nome clássico chinês é 'iau (柚).

(26) É possível, porém, que *pelo-pé* seja, aqui, o equivalente a *pelo-do-pé* isto é, pêlos pubianos que se usavam no Brasil, sob esta designação, como "elixir de amor" e, portanto, como mezinha de carácter mágico.

(27) É de registar que este simples, conhecido por *châu keong* (臭薑) – *gengibre de mau cheiro* em tradição literal, entra também nalgumas receitas de *mezinha para lavar* contra *mal-de-ar* ou *savan*. É ainda conhecido por 蜚螂部 蜚螂部虫

enterrar-se em pequenos covachos bolas do diâmetro de 3 a 5 cm, feitas com bosta de búfalo. Aí desenvolvem-se rapidamente os escaravelhos que depositarão nas bordas dos seus ninhos os excrementos esféricos com valor medicinal ⁽²⁷⁾.

Tanto contra *susto* como contra *mal-de-ar* esta mezinha é muito estimada, tanto na China como em Macau.

O escaravelho chinês é o *Xylotrupes dichotomus* L.

Alguns informadores macaenses consideravam que o chamado *chá de sete folhas*, usado em lavagens contra *mal-de-ar* também surtia efeito no caso de *mal-de-susto*. Contudo, ao que parece, reinava entre as senhoras portuguesas de Macau uma certa confusão entre o *chá de sete folhas* e o *chá de sete estrelas* (chat seng chá – 七 星 茶), específico para crianças, mas usado contra doenças gastro-intestinais ⁽²⁸⁾.

Além da *pedra cordial*, ⁽²⁹⁾ havia quem usasse, em Macau, *pó de aljofre* (pérola moída no *sá pun* – 沙 盤) *aberto com água* ao qual se juntava, por influência chinesa, uma pitada de *pó de carimbos* (cinábrio) ⁽³⁰⁾. Este pó cozido com coração de porco (usado homeopaticamente) é, também, considerado muito eficaz contra sustos e futuros males cardíacos.

CONCLUSÕES

Da análise das práticas não terapêuticas da medicina popular de Macau relativas ao *mal-de-susto*, parece ser possível tirar algumas conclusões interessantes:

– A plasmação das crenças nas influências sobrenaturais, levadas

(28) Esta composição é, aliás, constituída por 12 simples que se vendem em pacotinhos nos ervanários de Macau, já triturados e prontos a serem fervidos no *gargu* (bule de barro que vai ao lume). Deve ministrar-se às crianças durante três dias consecutivos contra indisposições intestinais, acompanhadas de febre ligeira.

(29) A pedra cordial de Goa ou de Gaspar António é um preparado à base de simples minerais que data do séc. XVII e constituía uma “receita de segredo” da botica dos Padres Jesuitas. Ainda há, em Macau, quem possua e utilize esta *pedra* nos nossos dias.

(30) O cinábrio (HgS), é um produto tóxico, usado em medicina chinesa como antiespasmódico e sedativo em casos de taquicardia de natureza nervosa e ainda no tratamento de convulsões infantis. É, também, considerado pelos taoístas uma substância dotada de poderes sobrenaturais.

provavelmente de Portugal, com as que são próprias da mentalidade do Oriente.

– A semelhança cultural existente no domínio da interpretação das doenças de carácter mágico e da respectiva terapêutica entre os chineses e os sul-ameríndios, o que parece ir em apoio das teses que defendem antigas migrações de povos asiáticos para o Continente americano, por via marítima ou através das Aleutas.

– Uma possível influência portuguesa nas práticas de defumação (*fumigação*) realizadas pelos chineses de Macau.

– A ausência da crença no *mal-de-lua* tão difundida em Portugal, relativa às crianças, entre os portugueses de Macau.

Apenas encontrámos, ali, a ideia, também vulgar entre nós, de que a Lua produz manchas nos corpos das crianças quando as futuras mães passeiam ao luar com objectos metálicos sobre o ventre. No entanto, é de assinalar que, no Sul de Portugal, é usada a cânfora, que lembra o alúmen e também a “cor da lua” nas práticas de carácter mágico contra as convulsões infantis de causa desconhecida e por alguns informadores⁽³¹⁾ analogadas com o *mal-de-lua*.

– O paralelismo entre as defumações de Macau com as que se realizam nas aldeias portuguesas “balouçando-se em cruz”, as crianças, sobre ervas aromáticas, que ardem sobre brasas de um pequeno fogareiro, contra *quebranto*, *mal-de-lua* e outras indisposições consideradas de origem sobrenatural.

– Resta encontrar uma explicação para a fórmula *tam chü chai* (*balouçemos o porquinho*) utilizada como fórmula introdutória de todas as rezas ou “cantilenas” que acompanhavam em Macau as defumações infantis. *Chü* (porco) é uma palavra homófona de chü (鑄) (fundir metais), (誅) (punir), (侏) (anão), (珠) (pérola), (住) (morar)⁽³²⁾, (硃) (cinábrio), (姓) (pavio de vela), (主) (senhor), (貯) (acumular), (株) (tronco de árvore). Por outro lado, o porco é um símbolo de prosperidade e de abastança. Será usada a palavra com valor simbólico ou será simples corruptela, fruto de transmissão de oitiva?⁽³³⁾

(31) Baixo Alentejo; Distrito de Beja.

(32) Verbo auxiliar para indicar continuidade de acção.

(33) É de registar que, em Macau, o termo *chü chai* (豬仔) (porquinho ou leitão) se usava, em sentido figurado, para designar “emigrante que se vende para trabalhos forçados”.

*

Ponto de encontro de diferentes etnias, herdeiras de diferentes tradições, Macau é, de facto, um exemplo flagrante de convergência cultural, que está na base da identidade dos macaenses (portugueses euro-asiáticos) como grupo, alcançada no decurso de quatro séculos de história.

BIBLIOGRAFIA

AMARO, Ana Maria – “Contribuição para o estudo da flora médica macaense”, in *Bol. do Instituto Luís de Camões*, Vol. I, pp. 53-66, (Macau), 1966.

AMARO, Ana Maria – *Medicina popular de Macau*, Ed. do I.C. M. (no prelo).

BATALHA, Graciete Nogueira – *Glossário do Dialecto Macaense*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1977.

GOMES, L. Gonzaga – *Chinesices*, Ed. Notícias de Macau, Macau, 1952.

VASCONCELOS, J. Leite de – *Etnografia Portuguesa*, Vol. VII, Lisboa, 1980.

VELLARD, J. – “Une éthnie de guérisseurs Andins, les Kallawaya de Bolivie”, in *Terra Ameriga Rev. da A.I.S.A.*, n.º 41, (Génova), Dicembre, 1980.